

SÃO BERNARDO:
ASPECTOS TEMÁTICOS E ESTILÍSTICOS

Orientanda: Vanessa ANTONIAZZI¹

Orientador: Prof. Dr. Emerson Calil ROSSETTI²

RESUMO

Este artigo visa identificar alguns elementos temáticos e estilísticos presentes na obra *São Bernardo*, os quais colocam o romance de Graciliano Ramos como um dos mais representativos da produção do autor e da segunda fase do Modernismo no Brasil. Graciliano representa, com maestria, o Neorrealismo, tendência que surge nas primeiras décadas do sec. XX, empenhada em revelar a realidade brasileira de forma crítica, voltada às questões sociais, culturais, políticas e econômicas da sociedade da época. Também é típico do movimento o rebaixamento zoomórfico e o grotesco, formas de demonstrar como as questões políticas e sociais degeneram o ser humano, especialmente numa região como o Nordeste. A presente pesquisa é de natureza bibliográfica e, por meio de excertos de importantes teóricos, respaldará a análise dos fragmentos do *corpus* deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE

Neorrealismo. Graciliano Ramos. São Bernardo. Aspectos temáticos e estilísticos.

Introdução

A Semana de Arte Moderna realizada entre 13 e 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, deu início ao Modernismo e abriu um período de renovações profundas na arte e na literatura.

¹ Graduação em Letras – FIRA - Faculdades Integradas Regionais de Avaré - 18700-902 - Avaré/SP-Brasil – vaantoniazzi@gmail.com.

² Docente do Departamento de Letras – FIRA - Faculdades Integradas Regionais de Avaré - 18700-902 - Avaré/SP-Brasil – dr.ecrosseti@uol.com.br.

Propunha-se o evento a uma desconstrução dos padrões estéticos tradicionais e à busca pela identidade própria, com uma visão mais nacionalista da realidade brasileira, maior liberdade de criação e valorização da forma coloquial com maior aproximação entre a língua falada e a escrita. A primeira fase do Modernismo é marcada ainda pela subversão das regras gramaticais e a negação do formalismo.

A segunda fase inicia-se em 1930. Essa década foi um período propício para que assuntos políticos e sociais fossem levantados devido às grandes mudanças que ocorriam no país e no mundo. No Brasil, Getúlio Vargas instituiu o Estado Novo através de um golpe, e uma considerável crise econômica foi provocada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque. Outros acontecimentos de expressão foram a Revolução de 1930, a crise cafeeira e o declínio do Nordeste.

Nessa fase, a literatura brasileira assume um estilo mais “maduro”, moderno e de denúncia, preocupada com os problemas humanos e sociais. De tendência neorrealista, surgem os romances intimistas e psicológicos, de temática social urbana, representados por Dyonélio Machado, Érico Veríssimo e outros, e o romance regionalista, marcando a prosa desse período e delatando a exploração do homem absorvido pelos problemas impostos pelo meio e por um sistema social injusto e excludente.

Massaud Moisés define o Neorrealismo como “Neo, novo, real + ismo, doutrina, tendência, corrente” e ainda situa que:

...é fruto da evolução ideológica e política observada na primeira metade do século XX. Os seus adeptos, na linha do materialismo histórico, pregavam a necessidade de transformar o mundo por meio da tomada de consciência das desigualdades sociais. Consideravam decadente a burguesia, enalteciam o trabalho dos operários e camponeses [...] Admitiam as causas econômicas e políticas como as mais importantes, senão exclusivas, da luta de classes. (MOISÉS, 2004, p. 318).

Graciliano Ramos é considerado o maior representante da prosa da segunda fase modernista. Nasceu em 1892, em Alagoas, no município de Quebrângulo, e morreu em 1953, aos 60 anos, no Rio de Janeiro. Filho de comerciante que não se incluía entre os poderosos, teve uma infância sofrida devido à rigidez do pai, o que o tornou desconfiado e introvertido. Demonstrou, desde muito cedo, interesse pela leitura e publicou seu primeiro conto, “O pequeno pedinte”, no jornal da escola, além de artigos em jornais interioranos; foi professor de francês e prefeito de Palmeira dos Índios, em 1928.

Em março de 1936, foi preso em Maceió sob acusação de ser “subversivo” e, em seguida, foi transferido para o Rio de Janeiro para juntar-se a um grupo de intelectuais perseguidos pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas (porém ainda hoje não há registros das razões que o levaram à prisão). Essa experiência sofrida está relatada em *Memórias do Cárcere*, publicado postumamente em 1953. Depois de solto, em janeiro de 1937, permaneceu no Rio de Janeiro e continuou escrevendo contos, romances, crônicas e literatura infantil.

Dentre suas obras, as que mais se destacaram foram *Angústia*, *Infância*, *São Bernardo* e *Vidas Secas*, este considerado pelos críticos seu maior sucesso editorial. Para Carlos Nejar, *Vidas Secas* “inegavelmente é a obra prima de Graciliano Ramos, em que todos os elementos de sua invenção se coordenam, equilibram. Não há nada de demasiado” (2011, p. 512).

São Bernardo, publicado em 1934, é considerada uma das principais obras do escritor alagoano e expõe o sério problema agrário nordestino e os dramas sociais vividos pelos personagens. O protagonista, Paulo Honório, depois de uma infância solitária e miserável, com atitudes consideradas pouco honestas, toma posse da fazenda São Bernardo, lugar em que trabalhou e foi explorado. A partir de então, passa de oprimido a opressor, e essa característica é muito evidenciada na relação que tem com os empregados da fazenda e com Madalena, sua esposa. Segundo Tufano: “Suas obras, embora representem problemas sociais do Nordeste brasileiro, não se esgotam numa perspectiva regionalista, pois apresentam uma visão crítica das relações humanas que as torna universais” (1983, p. 154).

Sobre a postura de Graciliano adotada em *São Bernardo*, nota-se a crítica às dificuldades e maus tratos vividos pelos trabalhadores rurais representados pelos empregados da fazenda; a decadência da burguesia agrária devido à urbanização e à ascendência da burguesia industrial representada por Sr. Nogueira e Padilha; o cenário político demonstrado pelos diálogos entre Paulo Honório e seus companheiros; o papel da mulher na sociedade do ponto de vista patriarcal, sendo contrariado por Madalena; e, por último, a forma como Paulo Honório se expressa através da linguagem bruta e coloquial do Nordeste, com a qual o autor conviveu, estudou e soube manipular artisticamente com propriedade.

A seguir, serão analisados alguns trechos que evidenciam a singularidade na forma cuidadosa de Graciliano escrever, como aponta Oliveira:

Autor de linguagem direta e correta, moldada num estilo seco, conciso, com poucos adjetivos, Graciliano soube equilibrar a investigação profunda dos problemas sociais nordestinos com a análise psicológica de suas personagens, unindo, como nenhum outro, o regionalismo e o intimismo. (1999, p. 483).

1-Crítica sócio-política

– A gente se acostuma com o que vê. E eu desde que me entendo, vejo eleitores e urnas. Às vezes suprimem os eleitores e as urnas: bastam livros. Mas é bom um cidadão pensar que tem influência no governo, embora não tenha nenhuma. Lá na fazenda o trabalhador mais desgraçado está convencido de que, se deixar a peroba, o serviço emperra. Eu cultivo a ilusão. E todos se interessam. (RAMOS, 1991, p.67).

Nesse trecho, o autor denuncia um sistema político perdurável em que o poder é concentrado em pequenos grupos, com interesses que favorecem apenas a elite dominante e que ilude o povo sobre sua real importância como indivíduo e eleitor com a finalidade de angariar votos. Essa elite mantém-se no poder fazendo acreditar que o pouco que é oferecido e disponibilizado aos eleitores é suficiente ou mais do que realmente precisam. Paulo Honório, que já integra essa classe, diz com naturalidade que na sua fazenda age com os empregados da mesma forma, como fica explícito em “Lá na fazenda o trabalhador mais desgraçado está convencido de que, se deixar a peroba, o serviço emperra. Eu cultivo a ilusão. E todos se interessam”, deixando também explícita a forma como o personagem manipula as pessoas para atingir seus objetivos. Conforme afirma Nejar:

[...] Paulo Honório, o protagonista, dentro da teoria de Lucien Goldmann, é o exemplo consumado de *militante da reificação*, isto é, o de usar as pessoas como objetos a favor da ganância, da vantagem e do lucro – leis do mercado capitalista. E verifica-se como esfaqueou João Fagundes, arruinando Germana e saiu avantajado; ou no episódio de Dr. Sampaio e a violência que o tratou por não pagar a boiada; sendo duro como *beira de sino*; ou com Padilha, tomando pela dívida a Fazenda São Bernardo; ou com Mendonça, que recebeu um tiro na costela, terminando a tensão que era a cerca entre sua propriedade e a dele; ou com Nogueira, que foi por Paulo Honório utilizado nas barganhas e chicanas, como advogado. Paulo Honório, frio calculista mostra a operação da pessoa como coisa, para arrecadação sempre do maior capital. (2011, p. 510).

A expressão do autor é clara:

– A oposição não sabe o que diz. Nós temos lá oligarquia? Temos uma quantidade enorme de cavadores do poder. Só os congressistas! E os ministros, os presidentes, os governadores, os secretários, os políticos do sul. Muito dente roendo o tesouro. E que súcia! Veja os representantes no Congresso federal! Que diz, seu Magalhães? (RAMOS, 1991, p. 69).

Note-se que a crítica já se apresenta na afirmação “A oposição não sabe o que diz”. O que chama a atenção para a falta de sentido dos discursos e da existência de propostas ideológicas consistentes. A descaracterização do contexto vem ainda reafirmada em “cavadores do poder”, o que demonstra que todo o desarranjo do tecido social decorre do exclusivo interesse da classe política em suas próprias questões. Segundo Vianna:

O interesse político pauta as conversas entre as personagens, cujas opiniões divergentes representam a síntese do que então se pensava sobre o governo e os políticos. De um lado, a descrença daqueles que, como o advogado João Nogueira, criticam com veemência o comportamento aproveitador de muitos homens públicos: “- O que eu acho é que os deputados e os senadores são inúteis e comem demais” (p. 69). De outro, opiniões como a do Dr. Magalhães, que defende a permanência das elites no poder. (VIANNA, 1997, p. 23).

É possível afirmar ainda que a desonestidade dos representantes políticos (ministros, presidentes, governadores, secretários...) não deixa dúvidas em “roendo o tesouro” ou “súcia”, palavra que, no dicionário, está assim explicada: “Reunião de pessoas de má fama; malta; cambada” (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 696).

2-A diferenciação de gêneros (relação homem x mulher)

Necessitando pensar, pensei que é esquisito este costume de viverem os machos apartados das fêmeas. Quando se entendem, quase sempre vão levados por motivo que se referem ao sexo. Vem daí talvez a malícia excessiva que há em torno de coisas feitas inocentemente. Dirijo-me a uma senhora, e ela se encolhe e se arrepiá toda. Se não se encolhe nem se arrepiá, um sujeito que está de fora jura que há safadeza no caso. (RAMOS, 1991, p. 65).

Aqui, o narrador expressa a condição de objeto como a mulher é vista e tratada. Normalmente, ela não tem participação nas discussões políticas ou em qualquer tipo de decisão relacionada aos negócios, e por isso fica separada dos homens. O assoberbamento machista se revela no pensamento: “quando se entendem, quase sempre são levados por motivo que se referem ao sexo”. Nota-se que o protagonista entende que homem e mulher só se entendem por motivo de sexo, visto que sua intenção, ao almejar o casamento, era simplesmente ganhar um herdeiro: o casamento e a mulher que almejava foram planejados e realizados como um negócio em curto tempo:

O romance de Graciliano expõe com intensidade dramática as contradições que dividiam internamente as estruturas de poder na sociedade brasileira da época. [...] A atenção ao modo pelo qual homem e mulher aparecem representados no discurso permite avaliar a sensibilidade de Graciliano na observação das crises humanas na vida privada, confronto que estão no cerne dos problemas sociais. (VIANNA, 1997, pp. 90-91).

A imagem preconceituosa vem reforçada em outro excerto:

Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. “Palestras amenas e variadas.” Que haveria nas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior. Sei lá! Mulher sem religião é capaz de tudo. (RAMOS, 1991, p. 131).

Os adjetivos “comunista” e “materialista” são utilizados por Paulo Honório como forma de ofensa a Madalena, principalmente pela tentativa de interferência da esposa em um mundo que era completamente dominado pelos homens, os negócios. Trata-se de uma destruição da projeção que ele fez da mulher que seria submissa e cúmplice de suas ideias e atitudes. Já que a mulher idealizada ia de encontro às suas convicções, ele a julga sem religião como justificativa para a falta de domínio que tem sobre a esposa. Esse julgamento denota o reconhecimento da força da mulher. Vianna (1997) assim se pronuncia:

O discernimento alcançado sobre os papéis sociais que são impostos ao homem e à mulher permite ver com novas lentes o conflito das relações humanas encenado por Graciliano. [...] Paulo Honório não admite a livre expressão de Madalena. A competência que reconhece na mulher o faz sentir-se inferiorizado e, por isso ele age de modo impensado, por meio de um ciúme doentio, que o leva a duvidar da fidelidade da esposa. [...] Ele reproduz o comportamento da cultura patriarcal em que se criou, para a qual é inadmissível outro papel para a mulher que não o tradicional, de esposa e mãe, relegada ao mundo dos afazeres domésticos e das rezas. Na sua concepção estreita, mulher intelectual, com ideias próprias, interessada pelos negócios e pela política, capaz de manter conversas com outros homens, de igual para igual, não pode ser coisa boa. (p. 89).

3- O grotesco

Aí pratiquei meu primeiro ato digno de referência. Numa sentinela que acabou em furdunço, abreequei a Germana, cabritinha sarará danadamente assanhada, e arrochei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda. Ela ficou-se mijando de gosto. Depois botou os quartos de banda e enxeriu-se com João Fagundes, um que mudou o nome para furta cavalos. O resultado foi eu arrumar uns cocorotes na Germana e esfaquear João Fagundes. Então o delegado de polícia me prendeu, levei uma surra de cipó de boi, tomei cabacinho e estive de molho, pubo, três anos, nove meses e quinze dias na cadeia, onde aprendi leitura com o Joaquim sapateiro, que tinha uma bíblia miúda, dos protestantes. (RAMOS, 1991, p. 13).

Acima podemos destacar o efeito grotesco na narrativa de Graciliano, expresso por meio de palavras e atitudes do narrador personagem. Destaca-se no fragmento a vulgaridade na forma como o personagem descreve seu caso com Germana e como ela é apresentada, além de expor detalhes de sua vida após a fatalidade do desfecho de seu caso com essa personagem em "...tomei cabacinho e estive de molho". Percebe-se aqui que existe uma analogia entre a linguagem utilizada e a situação vivenciada pelo personagem.

Não é menos grosseiro o que se narra na passagem seguinte:

De repente conheci que estava querendo bem à pequena. Precisamente o contrário da mulher que eu andava imaginando – mas agradava-me, com os diabos. Miudinha, fraquinha. D. Marcela era bichão. Uma peitaria, um pé-de-rabo, um toitiço. (RAMOS, 1991, p. 68).

Ao comparar duas mulheres, o personagem utiliza o diminutivo para se referir à mulher que lhe agrada ("Miudinha, fraquinha") e o aumentativo para a mulher que não o contentou ("D. Marcela era bichão. Uma peitaria, um pé-de-rabo, um toitiço"). Sobre o grotesco, assim se pronuncia Massaud Moisés:

...o grotesco ergue-se, no entanto, como categoria estética autônoma, na medida em que, nele, "o mundo alheia-se, as formas distorcem-se, as ordens do nosso mundo dissolvem-se.

[...] Funda-se na surpresa, no imprevisto, no insólito, traduz a angústia não perante a morte mas perante a vida, que gera a destruição de toda a ordem ou orientação no tempo e no espaço; de súbito, o Universo se afigura estranho, desconexo, absurdo, um planeta de onde houvesse desaparecido a razão e o próprio pensamento ordenador, como se uma força maligna tivesse assumido o comando da Natureza e dos seus habitantes. [...] O resultado é uma multiplicidade de combinações: animal-planta, homem-besta, homem-maior-do-que-o-homem (gigantes), homem-menor-do-que-o-polegar (liliputianos), pedras sangrentas, etc. [...] No geral, o termo "grotesco" assume, atualmente, o sentido de bizarro, extravagante, caprichoso, mau gosto, irregular e, mesmo ridículo." (MOISÉS, 2004, pp. 214-215).

4-O herói problemático

Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes. (RAMOS, 1991, p. 187).

Vemos aqui a depreciação que o personagem faz de si próprio numa tentativa de justificar o suposto desprezo com que é tratado por sua mulher quando começa a desconfiar de Madalena. A caracterização (“aleijado”, “lacunas no cérebro”, “nariz enorme”) mostra um personagem em crise não somente com o mundo e as pessoas que o cercam, mas consigo mesmo.

—Estraguei a minha vida estupidamente.

Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos...Para que enganar-me? Se fosse possível começarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige.(RAMOS, 1991, p. 187).

No excerto, o personagem faz uma reflexão concluindo que seu comportamento tem um padrão difícil de ser mudado, mesmo que fosse possível recomeçar. Pode-se dizer que a impossibilidade de modificar-se (ainda que reconheça suas debilidades) é uma espécie de sentença definitiva e trágica de Paulo Honório sobre si mesmo.

Paulo Honório, desde o início do romance, é um homem solitário, obsessivo, completamente voltado para seus projetos de vida. De maneira que se torna pouco amistoso, desenvolvendo tensas relações com o mundo, as pessoas com quem convive e, sobretudo, consigo mesmo.

À noite não consegui dormir. Passei horas sentado, odiando Madalena. Que se enroscava num canto da cama, as pernas encolhidas apertando o estômago.

Com o Dr. Magalhães, homem idoso! Considerei que também eu era um homem idoso, esfreguei a barba, triste. Em parte, a culpa era minha: não me tratava. Ocupado com o diabo da lavoura, ficava três, quatro dias sem raspar a cara. E quando voltava do serviço, trazia lama até nos olhos: dêem por visto um porco. Metia-me em água quente, mas não havia esfregação que tirasse aquilo tudo.

Que mãos enormes! As palmas eram enormes gretadas, calosas, duras como casco de cavalo. E os dedos eram também enormes, curtos e grossos. Acariciar uma fêmea com semelhantes mãos! (RAMOS, 1991, p. 138).

Aqui, temos um contraponto entre o grotesco e o sublime. Em mais uma reflexão, o personagem Paulo Honório se reconhece uma figura sem cuidados consigo, ocupando-se demais em alcançar seus objetivos gananciosos e descuidando de sua aparência, sentindo-se indigno de Madalena, de se aproximar dela. A problemática do protagonista cresce ao longo do romance até o desfecho, o qual não acena com qualquer possibilidade de transformação de Paulo Honório. Sobre o herói de Graciliano, afirma o crítico Alfredo Bosi que:

...o herói é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, introjeta o conflito numa conduta de extrema dureza que é a sua única máscara possível. E o romancista encontra no trato analítico dessa máscara a melhor fórmula de fixar as tensões sociais como primeiro motor de todos os comportamentos. (BOSI. Apud OLIVEIRA, 1999, p. 483).

5-Linguagem seca e objetiva

–Vá para o inferno, Gondim. Você acanalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá quem fale dessa forma! (RAMOS, 1991, p. 9).

O fragmento expressa uma característica típica da linguagem de Graciliano Ramos – seu caráter conciso, econômico, seco, objetivo, que se pode notar na crítica de Paulo Honório à maneira como Gondim escrevia. O romancista não faz rodeios e tampouco se perde em adjetivos. No excerto, ainda se evidencia uma questão cara aos modernistas: a diferença entre a língua falada e a língua escrita.

O texto citado ilustra a grande preocupação de Graciliano Ramos com o problema da linguagem, especialmente a diferença notória entre o português, entendido como língua oficial, e o que ele chama de “brasileiro”, a língua verdadeiramente falada pelo homem comum, do interior e sem maior escolaridade. Houve por parte do escritor o cuidado bem-sucedido de alcançar perfeita coerência entre os planos que compõem a estrutura interna do romance, ou seja, entre enredo, personagem, narração e linguagem. Este é o principal fator a justificar a posição unânime da crítica ao apontá-lo como obra exemplar em relação à técnica romanesca. (VIANNA, 1997, p. 94).

Mesmo em cenas mais propensas a um certo lirismo, a subjetividade é sacrificada em favor da expressão clara, das frases curtas:

Se tentasse contar-lhes a minha meninice, precisava mentir. Juro que rolei por aí à toa. Lembro-me de um cego que me puxava as orelhas e da velha Margarida que vendia doces. O cego desapareceu. A velha Margarida mora aqui em São Bernardo, numa casinha limpa e ninguém a incomoda. Custa-me dez mil réis por semana, quantia suficiente para compensar o bocado que me deu. Tem um século, e qualquer dia destes compro-lhe mortalha e mando enterrá-la perto do altar-mor da capela. (RAMOS, 1991, p. 13).

Na passagem acima é possível observar até uma certa singeleza na atitude de Paulo Honório ao lembrar-se da infância e de personagens tão peculiares, mas que são únicos em sua memória, pois sua vida foi fundamentada em conquistar a Fazenda São Bernardo. O que cumpre mesmo destaque no excerto são os períodos curtos (“juro que rolei por aí à toa” e “o cego desapareceu”), típicos nos discurso do romancista alagoano.

A postura do narrador em face do mundo determina, do ponto de vista da linguagem, não apenas a objetividade do relato, mas também os demais fatos de estilo e o seu modo de existência no texto. Paulo Honório governa o mundo e imprime-lhe o seu ritmo. Nada do que diz é isento de intenções: os traços fortes de seu caráter, a origem rude, a visão reificada da vida, assim com os princípios de economia que regem seus atos e marcam cada passo do discurso com que narra o livro. (VIANNA, 1997, pp. 94-95).

Aliás, a preferência pelos períodos curtos e a incidência de orações absolutas dominam a narrativa:

Ponho a vela no castiçal, risco um fósforo e acendo-a. Sinto um arrepio. A lembrança de Madalena persegue-me. Diligencio afastá-la e caminho em redor da mesa. Aperto a mão de tal forma que me firo com as unhas, e quando caio em mim estou mordendo os beijos a ponto de tirar sangue. (RAMOS, 1991, p. 184).

Acima, a angústia e a saudade de Madalena consomem Paulo Honório, porém essa sensação é descrita em pequenas passagens que não exprimem emoções, mas sim um desejo prático e rígido de romper com sentimentos que perturbam e causam sofrimento a ponto de, inconscientemente, ferir-se.

Acompanhando a natureza do personagem, tudo em São Bernardo é seco, bruto e cortante. Talvez não haja em nossa literatura outro livro tão reduzido ao essencial, capaz de exprimir tanta coisa em resumo tão estrito. (CANDIDO. Apud CEREJA e MAGALHÃES, 1995, p. 349).

Considerações Finais

A obra de Graciliano Ramos é vasta e pontuada de importantes elementos temáticos e estilísticos que fazem do escritor um dos mais importantes da história de nossas letras.

Filiado à “geração de 30”, seus romances atestam um processo de “amadurecimento” da literatura brasileira relativamente às propostas iconoclastas da geração de 22 – trata-se de um momento de consolidação do Modernismo, em que as novidades da geração heroica ganham equilíbrio e expressividade com uma retomada da tradição revisitada por novas propostas temáticas e soluções estilísticas.

Representante ilustre do Neorrealismo, Graciliano Ramos encontra na linguagem a economia exata para representar o igualmente precário (mas não menos profundo) universo de suas personagens, seres oprimidos não somente pelo contexto social, senão também pelas angústias humanas e os problemas éticos que abrem caminho definitivo para os “grandes sertões” de Guimarães Rosa e de toda a literatura contemporânea.

Referências bibliográficas

- AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 19 ed.. São Paulo: Saraiva, 2009.
- CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura brasileira**. São Paulo: Atual, 1995.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12 ed.. São Paulo: Cultrix, 2004.
- NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira: da Carta de Caminha aos contemporâneos**. São Paulo: Leya, 2011.
- OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Arte literária: Portugal/Brasil**. São Paulo: Moderna, 1999.
- RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 54 ed.. Rio de Janeiro: Record, 1991.
- TUFANO, Douglas. **Gramática e literatura brasileira: curso completo**. São Paulo: Moderna, 1995.
- VIANNA, Lúcia Helena. **Roteiro de leitura: São Bernardo de Graciliano Ramos**. São Paulo: Ática, 1997.